

Americanismo e fordismo em tempos modernos

Lilian Victorino F. de Lima

Como citar: LIMA, L. V. F. Americanismo e fordismo em tempos modernos. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 147-150.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p147-150>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Americanismo e fordismo em tempos modernos

Lilian Victorino F. de Lima¹

O propósito desta comunicação é apresentar alguns nexos entre a obra cinematográfica de Charles Chaplin, *Tempos Modernos* (USA, 1936) e a acurada análise do filósofo da práxis Antonio Gramsci sobre o tema Americanismo e fordismo (cadernos do cárcere nº22).

Uma das características dos filmes de Chaplin é a forma clara e direta como ele busca transmitir sua mensagem. Em *Tempos Modernos* seu último filme mudo produzido nos anos 30, logo de início a película avisa tratar-se de um filme sobre “a indústria, a iniciativa privada, a humanidade e a busca pela felicidade”.

Neste mesmo período Gramsci já se encontrava preso devido a importância de sua atuação política e seus ideais socialistas estarem na contramão da ideologia fascista que se fortalecia na Itália. Perseguido por Mussolini, Gramsci ficou encarcerado de 1927 até a 1937, período no qual foram escritos em pequenos papéis os atuais Cadernos do Cárcere, obra de inestimável valor para os que procuram ir além do campo das idéias e atuarem em busca da hegemonia, conceito fundamental na análise gramsciana.

Com seus filmes Chaplin buscava poder e prestígio, mas *Tempos Modernos* foi proibido na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini e também foi boicotado pelo “marcatismo” nos EUA. Longe de ser um revolucionário segundo os ideais marxistas, o criador e protagonista do personagem Carlitos pode ser lido aqui mais como um desempregado que sonha se ajustar ao mundo burguês do que como um líder comunista que sem querer segura uma bandeira vermelha na dianteira de um movimento grevista como nos foi transmitido pelo filme. Sua oposição irrefletida aos ditames do mundo capitalista é sintomática, mas não possui o poder organizativo dos “conselhos de fábrica” vividos por Gramsci de 1919-20. Neste contexto o exemplo americano era relevante para todo o mundo por isso ganhou atenção de Gramsci.

Cenas do “vagabundo” Carlitos com a moça andrajosa na loja de departamentos ou na calçada da família “ajustada” ao sistema, nos indicam que o sonho de Chaplin é um sonho pequeno burguês, visto que apesar das cenas de miséria, humor, ironia, fome e desespero o que o personagem busca é ter acesso aos bens oferecidos à poucos pelo novo processo de racionalização do trabalho. Chaplin denuncia, mas não propõe saídas para esse processo. E aqui devemos nos perguntar até que ponto a arte deve oferecer saídas para os problemas da humanidade ou sua importância reside na representação que esta faz de seu tempo?

Na figura de um herói tragicômico Chaplin retrata em *Tempos Modernos* a depressão político-econômica nos Estados Unidos dos anos 30. Esse período que durou de 1929 até 1941 foi responsável nos Estados Unidos por desemprego massivo, queda acentuada do produto interno bruto, declínio da produção industrial, marginalização de trabalhadores e crescente e aumento do poder policial em favor da classe burguesa.

¹ Pós-graduação em Ciências Sociais, FFC - Unesp/Marília - licagills@yahoo.com.br

Os símbolos da indústria capitalista estão presentes em todo o universo criado por Chaplin: o relógio indicando a hora dos trabalhadores marcarem seus cartões de ponto, as multidões que lotam os pátios da indústria fordista, a esteira de produção que caracteriza esse processo de acumulação, as lojas de departamentos que exibem inúmeros produtos cujo valor de troca se sobrepõe ao valor de uso, as gigantescas máquinas que se impõem aos homens transformados em seu apêndice.

A respeito dessas transformações ocorridas nos Estados Unidos Gramsci considerou que "... o americanismo e fordismo resultam da necessidade imanente de chegar à organização de uma economia programática". As potencialidades de organização e racionalização da produção implementada por Ford atraem o interesse de Gramsci que se indagou: quais as características deste processo nos EUA e quais as possibilidades desta economia programática ser implantada na Itália, apesar de sua particularidade histórica?

Ao analisar a possibilidade de introdução desse modelo produtivo na Europa, Gramsci conclui que o fracasso dessa transposição reside na complexidade da história europeia cujas classes consideradas "parasitárias" devido aos sedimentos de "tradição", produziu uma espécie de "fossilização do pessoal estatal, dos intelectuais, do clero, da propriedade fundiária, do comércio de rapina e do exército", verdadeiros pensionistas da história econômica.

Como a América não teve tradição histórica e cultural, se comparada à velha Europa, não foi sufocada pela camada parasitária de nobres ou ainda pela plutocracia que na América se vincula ao capital industrial. Ali a indústria moderna encontrou base sadia para seu desenvolvimento industrial e comercial.

Assim, devido a condições históricas favoráveis os Estados Unidos estão na vanguarda desse processo de racionalização da produção, e o trabalho habilmente combinado de força (destruição do sindicalismo operário de base territorial) com a persuasão dos altos salários, diversos benefícios sociais, propaganda ideológica e política, conseguiram centrar toda a vida do país na produção.

Como está posto no filme de Chaplin, Gramsci pondera que apesar de progressista, a racionalização da produção não é algo forjado sem conseqüências fundamentais, visto que existe todo um processo de manipulação e convencimento das "forças subalternas" para que estas sejam submetidas às novas metas de racionalização da produção capitalista.

Nesse sentido, *Tempos Modernos* é um clássico por nos mostrar nuances do processo de modernização industrial passando pela família burguesa e seus papéis sociais definidos para o homem e para a mulher, cujos instintos sexuais deveriam ser também racionalizados.

Para forjar esse novo tipo de trabalhador adequado a indústria fordista foram criados diversos tipos de leis proibicionistas como, por exemplo, as conhecidas leis contra o consumo de álcool e as punições contra todo tipo de conduta social que fosse considerada "vadiagem". Carlitos e seus companheiros desempregados são impulsionados a todo tipo de "rebelião", como nas cenas em que eles tomam vinho e experimentam produtos clandestinamente na loja de departamentos.

Dai por diante, qualquer atitude que contrarie o ritmo da esteira de produção será entendida como sinal de vadiagem, como quando vemos Chaplin ser advertido no banheiro por seu

patrão "Big-Brother" isto é, através de telas de TV que a tudo vigiam. Estas cenas indicam o caráter visionário do filme, a aliança entre Estado e controle empresarial através de todo tipo de aparato comunicacional.

Segundo Gramsci a indústria de Henri Ford foi a forma moderníssima de produção e de modo de trabalhar, tanto que a introdução do modelo fordista de produção encontrou resistências "intelectuais" e "morais" devido sua forma peculiarmente brutal e insidiosa de coagir os trabalhadores.

Tal brutalidade é expressa no surto nervoso sofrido pelo personagem de Chaplin quando este não se ajusta ao ritmo cada vez mais intenso da esteira de produção, ou quando ele é sugado pelas engrenagens da máquina cuja grandiosidade nos é apresentada em tomadas filmicas de cima para baixo. O pobre trabalhador que não se adapta psicofisicamente aos ditames da produção vive a mercê de seu patrão. O arrogante dono da Electro Steel Corp que quando não está brincando de montar quebra-cabeças está dando ordens e vigiando a produção.

Mesmo o dono da indústria não está seguro de seu lugar nas engrenagens do sistema visto que aparece tomando algum tipo de medicamento (talvez calmantes) antes de ler um jornal, cuja história da contra-capa nos mostra o conhecido herói das selvas Tarzan, que pode representar o caráter selvagem do sistema capitalista. As incertezas do patrão se consolidam com o posterior fechamento da fábrica.

Gramsci não pôde prever o que aconteceria após essas transformações no mundo do trabalho sob a égide do capitalismo, mas como nos aponta Del Roio (2005) o americanismo e o fordismo assumiram o caráter de "revolução passiva" ou saída conservadora devido as alterações produzidas nas relações de produção organizadas sobre novas bases e que por sua vez resultam na formação do "bloco histórico" sob a dinâmica do capital e suas contradições, ou seja, mantêm-se a hegemonia das classes dominantes.

Se como Gramsci apontou a "hegemonia nasce na fábrica" a fábrica fordista produziu a hegemonia da classe burguesa e esta constituiu seu "Bloco Histórico" no Estado capitalista cujo americanismo foi transformado em traço cultural das massas subalternas.

O contingente de reserva de trabalho fica perigosamente incluído neste processo e diversos operários representados em *Tempos Modernos* por Chaplin pensam que saídas individuais e românticas, seja pela alienação da religião ou por outras formas de má consciência, podem ser suficientes para contornar a situação de miséria imposta pela contradição inerente. Conforme a ideologia do Estado liberal não lhe cabe assumir funções de proteção aos seus membros, pois o poder de inserção no sistema fica a cargo das empresas capitalistas.

Nas cenas finais do filme a garota decide seguir Chaplin, mas após os primeiros passos ela se afasta e para lamentando-se. Assim todos veremos que adiante Chaplin estará sozinho novamente; triste sina para o operário que não se mobilizar em prol da constituição de uma nova hegemonia visando a formação de um novo "bloco histórico" sem contradições, ou seja, um Estado comunista.

REFERÊNCIAS

CONY, C.H. (org.) **Chaplin: ensaio-antologia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Americanismo e fordismo- 1934. (Cad.22) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ROIO DEL, M. **Os prismas de Gramsci: a fórmula política da frente única (1919-1926)**. São Paulo: Xamã, 2005.

ROIO, DEL, M; SILVA, Edilene da Cruz. A crise do mundo do trabalho e a atualidade de Gramsci. In: **Revista Novos Rumos**. São Paulo: S/ano.